

A RECUPERAÇÃO DA DIMENSÃO FEMININA E O SENTIDO DA EXISTÊNCIA: UM DESAFIO PARA O ENSINO DE HUMANIDADES

THE RECOVERY OF THE FEMININE DIMENSION AND THE SENSE OF EXISTENCE: A CHALLENGE FOR THE TEACHING OF HUMANITIES

Gláucia da Rosa do Amaral Alves 1

Elsbeth Léia Spode Becker 2

Marcos Alexandre Alves 3

Licenciada em História - Universidade Franciscana - UFN. Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens - Universidade Franciscana - UFN, Santa Maria/RS - Brasil. E-mail: glaciaamaral@yahoo.com.br 1

Doutora em Agronomia - PPGA/UFSM. Mestre em Engenharia Agrícola - PPGEA/UFSM. Licenciada em Geografia - UFSM. Docente no Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens - Universidade Franciscana - UFN, Santa Maria/RS - Brasil. E-mail: elsbeth.geo@gmail.com 2

Doutor em Educação - PPGE/UFPeL. Mestre em Filosofia - PPGF/UFSM. Licenciado em Filosofia - FAFIMC. Docente no Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens - Universidade Franciscana - UFN, Santa Maria/RS - Brasil. E-mail: maralexalves@gmail.com 3

Resumo: Vivem-se tempos de urgência, em que se enfrenta uma crise civilizacional generalizada. Por toda parte constata-se sintomas que evidenciam devastações no planeta Terra e na humanidade. Terra e humanidade formam uma única e complexa realidade. Humanidade e natureza tem uma mesma origem e um destino comum diante do futuro. No entanto, a sociedade do mundo atual preconiza o individualismo, o dualismo, o egoísmo coletivo e não encontra uma nova compreensão de si mesma que a possa orientar. O objetivo do artigo é expor a ideia da recuperação de uma cosmovisão da dimensão feminina do ser humano e as virtudes para um novo mundo possível. No mundo atual, a educação, o ensino de humanidades e a suave interação entre a razão e a intuição podem conduzir à transformação da sociedade e ao pensamento livre para a construção da consciência universal fraterna e sensível. Advoga-se a favor da construção de um novo paradigma de convivência e sustentabilidade que funde uma reação mais benfazeja para com a Terra e inaugure um novo pacto social entre os povos no sentido de respeito e preservação de tudo o que existe e vive.

Palavras-chave: Cosmovisão. Virtudes. Condição Humana. Sustentabilidade.

Abstract: There are times of urgency in which a widespread civilizational crisis is faced. There are symptoms everywhere that show devastation on planet Earth and humanity. Earth and humanity form a unique and complex reality. Humanity and nature have the same origin and a common destiny before the future. However, the society of today's world advocates individualism, dualism and collective selfishness and finds no new understanding of itself that can guide it. The objective of the article is to expose the idea of the recovery of a worldview of the feminine dimension of the human being and the virtues for a possible new world. In today's world, education and the gentle interaction between reason and intuition can lead to the transformation of society and free thought into the building of fraternal and sensitive universal consciousness. Advocates for the construction of a new paradigm of coexistence that fuses a more benign reaction to the Earth and inaugurates a new social pact between the peoples in the sense of respect and preservation of all that exists and lives.

Keywords: Worldview. Virtues. Human Condition. Sustainability.

Introdução

O ser humano, no ocidente, desde que abandonou a justificação mitológica acerca do mundo desenvolveu a técnica em função de seu bem estar no mundo. No período Antigo a técnica estava para uma perspectiva de reprodução da ordem cosmológica, dado que o mundo era compreendido como algo a ser contemplado. No período Medieval o poder da Igreja limitava os avanços tecnológicos na medida em que primava pela manutenção, de certa forma impregnada por um fatalismo, da criação divina. Contudo, no período Moderno, principalmente devido à diminuição do poder da Igreja e com a revolução científica, a técnica passou a ser compreendida como intervenção e adaptação do meio para o bem estar (produção) do ser humano.

Com isso, as Ciências da natureza obtêm sua independência e passam a formular seus próprios métodos e noções éticas. A razão, não mais contempla o cosmo ou se submete ao divino. Ao contrário, a razão mecanicista moderna empreende sua atividade afim de desfragmentar as estruturas da natureza e recompô-las de forma a produzir novos instrumentos - notemos que não se trata mais de reproduzir, mas de produzir.

Assim, no decorrer do desenvolvimento da história da humanidade, a técnica deixou de ser mero instrumento do humano e passou a ser como que um desdobramento dele. Isso significa que a produção tecnológica passou a ser a própria manifestação da racionalidade humana em função de si mesmo. Na contemporaneidade a tecnologia tornou-se tão importante que, para Jonas, ela deixou de ser mero utensílio para se tornar fator primordial do humano, parece que sem tecnologia não há humano, e qualquer crítica que se oponha ao seu 'progresso' é tomada como retrocesso da própria condição humana.

Seguindo essa linha de raciocínio, a produção científica (tecnológica) tomou proporções que na atualidade suas conseqüências fogem a capacidade de previsão da racionalidade. Na modernidade, a razão outorgou-se o poder de, através da lógica, conseguir antecipar todas as implicações de uma teoria. Contudo, se mostrou falha dado que objetivamente está limitada ao seu campo de intencionalidade cujas possibilidades de qualquer produto tecnológico ou intervenção no meio lhe escapa.

Na atualidade exemplo disso são os 'avanços' na área da genética: quem pode prever com segurança as implicações, em longo prazo, da manipulação genética? Eis o problema: a capacidade de antecipação racional dos horizontes possíveis da produção científica está limitada pelo alcance de seu espaço e a brevidade do seu tempo. Em suma, a perspectiva moderna da produção tecnológica se tornou um problema na medida em que as conseqüências de seus avanços não podem ser previstas com rigor e, de certa forma, fogem ao controle.

Além do mais, os avanços tecnológicos que foram criados para acomodar a vida humana estão prejudicando-a, e comprometem a estabilidade e a manutenção da vida no planeta. Isso porque a tecnologia está degradando o meio ambiente, gerando miséria (dado que são feitos para uma classe específica e necessitam de mão de obra que não recebe remuneração adequada), e gerando disputas pelo poder. Em nossa época, o lixo atômico, as forças bélicas e armas biológicas se tornaram uma ameaça a sobrevivência e perpetuação da espécie. Nessa mesma perspectiva, os avanços genéticos, que visam criar um homem quase perfeito, ameaçam os que se mantêm na imperfeição. Com isso, ao manipularem a genética, em função de uma possível perfeição, os cientistas retiram do cenário a capacidade natural de adaptação do humano o que o torna mais vulnerável.

O homem não é maior que a natureza, mas parte integrante dela. Além disso, não pode ter domínio das leis naturais, embora ilusoriamente pense que pode. Da mesma forma, o homem não se perpetua no que produz, mas nos seus descendentes. A técnica pode perder sua utilidade e deixar de ser, mas suas ações prejudiciais podem ter um prazo maior e mais nocivo do que o prazo de seus benefícios. Mesmo a técnica útil e eficaz pode ser um problema. Assim, a técnica não é boa por si mesma e nem neutra e, por isso, deve ser regida pela ética da responsabilidade e não pela ética do interesse.

Em sua obra 'A águia e a galinha – Uma metáfora da condição humana', Leonardo

Boff dedica o livro

Aos sensíveis à dimensão feminina, a águia mais aprisionada e reprimida de nossa cultura. Sem ela, James Aggrey¹ jamais teria contado a história que contou. Eu, certamente, não teria tido a sensibilidade para guardá-la e refleti-la no coração. E vocês não seriam capazes de experienciá-la (2004, p. 5).

A fábula 'A águia que não queria voar', escrita pelo educador popular ganense, James Aggrey, no século XIX, evidenciou que não há opressão capaz de subjugar a grandeza do ser humano. Aggrey escreveu essa pequena história sobre uma águia que, criada entre galinhas, não queria voar e se acostumou a ciscar no chão como um lebrete aos povos africanos, então sob dominação europeia. Ele queria mostrar a eles que a riqueza de suas culturas e tradições seguia viva, a despeito da opressão; pretendia despertá-los para sua grandeza esquecida: seu majestoso destino de águias, e não de submissas galinhas.

Boff (2004), relata a fábula de Aggrey, alerta para os desafios do mundo contemporâneo, da globalização, da cultura da homogeneização e provoca uma instigante reflexão para a busca da identidade humana através da inclusão das contradições, da complementaridade entre masculino e feminino na condição humana, da superação dos paradigmas cartesianos e, assim, emergir como cidadãos terrenos, diferentes, mas todos fundados na comum humanidade. O conceito ancestral e básico da reflexão, a *humanitas*², ganhará centralidade, como o valor de referência comum para a humanidade, masculina e feminina, una e complementar, hóspede e comensal na Terra, nossa pátria e mátria comum.

Para discutir os desafios da humanidade no mundo contemporâneo, é necessário ajuizar dois aspectos básicos, presentes no processo de globalização: um que se orienta pelo passado e outro que se volta para o futuro. Eles proporcionam dois paradigmas diferentes e, dessa forma, cada qual molda a sua maneira o processo de globalização com futuros diferentes.

O primeiro aspecto está amparado no dualismo e isso fortalece a oposição e vem carregado de riscos, pois se orienta pela perspectiva da opressão, do poder sobre o outro, do inimigo e pela disposição ao confronto, inclusive, à guerra. Efetivamente, têm-se, historicamente, civilizações dominadoras e dominadas e, mais recentemente, no século XX e XXI, o tempo de pós-Guerra Fria está se caracterizando por guerras em várias partes do mundo, desencadeadas pelos tradicionais inimigos, pelas emergências dos nacionalismos e intolerâncias religiosas e étnicas. Outras, são decorrentes de grupos que buscam defender suas identidades diante do processo homogeneizador da globalização imperante e do poder proporcionado aos detentores do capital. Pode-se dizer, talvez, que a humanidade se concebe em um cenário de guerra infinita que se completa na balcanização e na fragmentação do tecido social humano.

Ainda, a partir da ciência moderna, na Europa, a partir do século XVI, nascida com Newton³, Copérnico⁴ e Galileu Galilei⁵, o pensamento humano mergulha no paradigma cartesiano, na fragmentação do conhecimento, na visão reducionista e, ao mesmo tempo, resultou um vertiginoso avanço tecnológico e científico, que trouxe inúmeras descobertas para a melhoria de vida do ser humano. No entanto, o dualismo, a opressão e o reducio-

1 James Aggrey (1875-1927), político e educador popular, em Gana, o primeiro país da África a proclamar a independência, em 6 de março de 1957.

2 Significa uma cultura planetária, fundada nas virtudes indispensáveis ao amor, como a hospitalidade, a convivência, o respeito, a tolerância e a comensalidade (Nota dos autores).

3 Isaac Newton (1643-1727), físico e matemático inglês, descobriu a Lei da Gravidade e elaborou uma visão mecânica do universo, regido por leis imutáveis.

4 Nicolau Copérnico (1473-1543), astrônomo, polonês, viveu na Itália, fundador do heliocentrismo.

5 Galileu Galilei (1564-1642), matemático e filósofo, foi um dos fundadores da ciência moderna e defendeu o heliocentrismo.

nismo aprofundaram as desigualdades planetárias e o ambiente humano e o ambiente natural degradaram-se em conjunto a serviço de poucos.

Há também uma relação de dualismo, de opressão e de reducionismo na construção cultural da sociedade ocidental, desde o mundo grego, pautada no patriarcado, na qual o homem rege absoluto no espaço público e privado e à mulher cabe a obediência incontestável e servil no reduto privado, baseada “na concepção mediterrânica, tão vulgar naquela época, de que o lugar da mulher era em casa e o seu papel não excedia a dimensão dos deveres de esposa e mãe” (MARQUES, 2013).

Sob esse aspecto, no paradigma, simplista, linear e reducionista estaremos fadados ao fracasso e faz sentido a advertência de Hobsbawm (1995, p. 562), “o mundo corre o risco de explosão e de implosão. Tem que mudar... se não houver mudança, a alternativa é a extinção”. Nesta mesma perspectiva, Lévi-Strauss (1957) não vê o ser humano como um habitante privilegiado do universo, mas como uma espécie passageira que deixará apenas alguns traços de sua existência quando estiver extinta, e afirmou “meu único desejo é um pouco mais de respeito para o mundo, que começou sem o ser humano e vai terminar sem ele - isso é algo que sempre deveríamos ter presente”⁶.

De certa forma, somos urgidos a constatar que a humanidade está correndo riscos em decorrência da insidiosa intoxicação de seus próprios atos. Diante disso, a vida poderá ter alguma chance de continuar no planeta se engendrar uma mudança de pensamento, diante de uma mudança de cultura, pós-capitalismo, regido pelo “paradigma do hóspede e da aliança” da Terra (BOFF, 2005, p. 26). O outro aspecto a ser discutido, como desafio da humanidade no mundo contemporâneo, é o futuro da condição humana e, para isso, é preciso pensar uma nova humanidade, amparada em um novo paradigma, de reconstrução do pensamento humano, buscando novos caminhos, integradores, entre todas as manifestações de vida na Terra.

A transição do velho para o novo paradigma é uma trajetória necessária, sobretudo, no atual contexto tecnológico alcançado pelo conhecimento humano. Soma-se a isto, em especialmente, uma crise existencial sem precedentes e para qual, é preciso, uma mudança qualitativa. Neste sentido, observa Khun:

A transição de um paradigma em crise para um paradigma novo, do qual pode surgir uma nova tradição de ciência normal, está longe de ser um processo cumulativo obtido através da articulação do velho paradigma. É antes uma reconstrução da área de estudos a partir de novos princípios, reconstrução que altera algumas das generalizações teóricas mais elementares do paradigma, bem como muitos dos seus métodos e aplicações (1970, p. 116).

A reconstrução do pensamento humano, para um futuro possível, é desafiado por um alvorecer de um paradigma que necessita de construção do novo, universal, livre de dualismos, mas composto por sistemas abertos que entram em comunicação uns com os outros, com inumeráveis formas de relação e participação. A capacidade de reflexão, o raciocínio, a criatividade, a interpretação, a elaboração artística e outras capacidades originais manifestam uma singularidade que transcende o lado físico e biológico do ser humano.

A novidade qualitativa, implicada na reconstrução de um ser pessoal dentro do universo material do capitalismo, pressupõe uma recuperação da condição humana e o sentido de sua existência. E, sob este aspecto, que virtudes são minimamente necessárias para garantir um rosto humano à atual fase da globalização?

É preciso, talvez, refletir, um pouco, sobre a condição humana no mundo atual.

⁶ Claude Lévi-Strauss declarou essa frase em seu discurso, aos 97 anos, em 2005, quando recebeu o 17o Prêmio Internacional Catalunha, na Espanha.

Vivemos o tempo da impaciência e da não-reflexão e, nesse sentido, perdemos o “diálogo interior” e o elo de convívio e da comensalidade com o outro (ALVES; GHIGGI, 2012).

Neste artigo, pretende-se expor a ideia da recuperação de uma cosmovisão da dimensão feminina do ser humano e mostrar que a educação requer um ensino baseado em virtudes, tais como integralidade, respeito mútuo e tolerância para com o diferente. Enfim, objetiva-se apresentar o ensino de humanidades como imprescindível para promover uma cultura de paz e o acolhimento da alteridade, ou seja, uma interação entre a razão e a intuição para conduzir ao pensamento livre, construção da consciência universal fraterna e sensível e à transformação da sociedade.

Enfoques sobre a condição humana feminina como gênero e como epistemologia

Só pode haver mundo no verdadeiro sentido onde a pluralidade do gênero humano seja mais do que a simples multiplicação de uma espécie (ARENDE, 1999, p. 108-109).

Os enfoques sobre a condição humana feminina, como gênero e como epistemologia, abarcam diversos conceitos integrados e, muitas vezes, complementares. Gênero pode ser definido como aquilo que **identifica e diferencia os homens e as mulheres**, ou seja, o gênero masculino e o gênero feminino (HOUAISS, 2009). A epistemologia, por sua vez, se constitui como uma reflexão do conhecimento humano, no caso, da dimensão feminina e como ela pode se apresentar.

No primeiro enfoque, no campo da condição feminina, enquanto gênero, toma-se como categorias para seu estudo, o conhecimento em seus aspectos sociais, de profissionalização e de socialização. Durante milênios, na história da humanidade, prevaleceu a ideia de hierarquia, de supressão e de superioridade do masculino sobre o feminino. Nas civilizações do mundo antigo, na sociedade medieval e no mundo moderno havia a mentalidade, consumada, do sistema patriarcal. Porém, na contemporaneidade, as discussões e as reflexões ganham maiores espaços a partir do século XX e, especialmente, após a segunda metade deste século, especialmente, nos Estados Unidos e na Europa (ALVES, 2012).

Nos Estados Unidos, os estudos de gênero (*gender studies*) ganham atenção nas ciências médicas, na psicologia e na sociologia. A partir da década de 1980, recebem significação na história das mulheres e, também, este campo de estudo é considerado como tema relativamente militante, dependendo do enfoque sociológico.

Na França, nos anos 1970, os estudos relativos a gênero usavam o conceito de “sexo social” ou de “diferença social dos sexos”. No decorrer desta década, a socióloga britânica, Ann Oakley, iniciou debates para diferenciar o sexo do gênero e definir, respectivamente, os conceitos para ambos. O gênero é uma distinção sociológica e diz respeito aos papéis sociais relacionados com a mulher e o homem; enquanto sexo, mulher e homem é uma categoria biológica (MOSER, 1989). O gênero trata das diferenças que são os resultados das construções sociais e culturais.

No entanto, a distinção sociológica de gênero, homem e mulher, remonta ao mundo antigo e, desde a mitologia, que a condição feminina é mostrada como frágil e submissa ao homem. O mito da origem do Universo relata a existência de um ‘deus’ chamado Caos que vivia isolado no abismo até que lhe surgiu a ideia de criar o universo e, depois, a Terra. Portanto, o Caos criou a Terra. Os gregos denominaram a Terra de Gaia e, segundo Barros, Gaia é definida como “o lugar onde os deuses, os homens bichos podem andar com segurança. Ela é o chão do mundo” (2010, p.18). Nesse sentido Barros relata:

Começamos pelo céu, isto é, urano, gerado por Gaia e do mesmo tamanho que ela. Ele está deitado, estendido sobre quem a gerou. O céu cobre completamente a terra. Cada porção de terra é duplicada por um pedaço de céu que corresponde perfeitamente. Quando Gaia, divindade poderosa, Mãe-terra, produz Urano, que é seu correspondente exato, sua duplicação, seu duplo simétrico, nos encontramos em presença de um casal de contrários, de um macho e uma fêmea. Urano, amor age de outro modo. Nem Gaia é a terra na presença de urano, Amor age de outro modo. Nem Gaia nem Urano produzem sozinhos o que cada um tem dentro de si, mas da conjunção dessas duas forças nascem seres de uma e outra. Urano está todo tempo deitando-se sobre Gaia. Urano primordialmente não tem outra atividade além de sexual. Cobrir Gaia incessantemente, o mais possível: ele só pensa nisso e só faz isso. Então, essa pobre terra acaba grávida de uma série de filhos que não conseguem sair de seu ventre e aí continuam alojados, aí mesmo onde urano concedeu. Como Céu nunca se distancia da terra, não há espaço entre eles que permita aos seus filhos Titãs virem a luz e terem uma existência anônima. Estes não podem tomar forma humana que é a deles, não podem se transformar em seres individualizados, pois não conseguem sair do ventre de Gaia, ali onde o próprio Urano esteve antes de nascer (2010, p. 20-21).

Sob a perspectiva da mitologia, é possível perceber a evidência de uma dualidade que expressa a desigualdade desde a origem, ou seja, o criador é masculino e o feminino está a serviço do masculino.

No período medieval, o papel da mulher era influenciado pela doutrina da igreja católica, portanto, as mulheres deviam respeito e eram submissas aos maridos. Na pirâmide social, as mulheres do povo tinham um papel ativo de trabalho nos campos (embora destinadas às tarefas mais fáceis e submissas aos homens), enquanto que a mulher da nobreza assumia um papel passivo, do lar, obedecendo ao pai ou ao marido.

No Renascimento, na construção do imaginário social, de acordo com Del Priore (2010), esse paradigma da desigualdade de gênero pode ser entendido a partir dos humanistas que desqualificavam a razão feminina, a qual não era considerada lógica. Afinal, o controle estava centrado nas mãos dos homens e as mulheres eram seres fracos, frágeis, no qual reforçava-se a ideia da dependência masculina. Conforme Barros,

A ideia de que uma mulher é um “homem inacabado” (mas *accionatus*) é uma herança aristotélica que estendeu-se e ganhou força na idade média, em particular com o pensamento de Santo Tomás de Aquino. Assim, esse “mas *accionatus*” que seria a mulher era aqui visto com o mero receptáculo passivo a força generativa e única do varão, acrescentando ainda Santo Tomás de Aquino que “a mulher necessita do homem não somente para engendrar, como fazem os animais, senão também para governar, porquanto o homem é mais perfeito por sua razão e mais forte por sua virtude (2016, p. 43).

Portanto, a concepção patriarcal permeia a trajetória da humanidade, especialmente, na Europa e, com o advento da modernidade, essa concepção transcende para o imagi-

nário do mundo ocidental, que personaliza atribuições ao feminino e ao masculino.

A partir da breve exposição, compreende-se que o dualismo presente nas relações de gênero entre homem e mulher, iniciou, historicamente, de uma perspectiva mitológica na qual a criação da Terra (Gaia), como feminino, descende de um criador (Caos), como masculino. Assim, as mulheres foram aprisionadas em um imaginário social, que lhes conduziu às regras de conduta que permearam diferentes períodos históricos até a atualidade.

Nesse sentido, percebe-se, também, nas teorias de Tomás de Aquino (1225-1274), que para compreender a sexualidade humana é preciso perceber a existência de uma distinção sexual e de hierarquia entre os dois gêneros. Conforme Barros (2016), desde Aristóteles (384-322 a. C), já se apresentava um modelo de homem com “o grau máximo da perfeição metafísica, deixando a mulher em segundo plano”. Logo, reforça-se a ideia da diferenciação de gênero, no qual uns seriam indivíduos completos e incompletos naturalizando e reforçando as hierarquias sociais no qual o homem sempre estaria acima da mulher. Nessa perspectiva, Barros ainda corrobora ao apresentar que “é preciso desnaturalizar” a desigualdade sexual e a reconhecer a necessidade de um espaço social e político para a mulher” (2016, p. 44).

Mediante a isso, a construção social patriarcal deve ser vista na perspectiva de que a história do Ocidente é marcada pela submissão e inferioridade da mulher em relação ao homem. Desde os primórdios da humanidade, religiosos, pensadores, políticos e filósofos focavam em um discurso que a mulher deveria ser obediente e submissa ao homem e seu lugar deveria ser ao lado dos filhos e do marido, restrito, portanto, ao ambiente particular. Reforçava-se, assim, a ideia coletiva que a natureza biológica feminina as fazia inferior na força e na dignidade aos homens. Frente a esta perspectiva, a partir da primeira onda do feminismo, emergia a necessidade de questionar e problematizar as questões relacionadas a diferença de gênero e, assim, um novo agente epistêmico surgia, não mais isolado do mundo, mas inserido nele, reafirmando suas particularidades e subjetividade (ALVES, 2011).

No segundo enfoque, o epistemológico, portanto, é recuperado o sentido da existência das coisas e a complexidade passa a ser a análise da estrutura básica do universo e sua teia de relações e há uma total desconstrução da ideia de dualismo. O mundo é visto em sua unidade e não mais como a soma das partes.

O segundo enfoque, o viés epistemológico, portanto, abarca o conceito e o entendimento da complexidade, e que vem ganhando espaço nas discussões acadêmicas, especialmente, a partir da década de 1970, na esteira do pensamento de James Ephraim Lovelock e da hipótese Gaia⁷ que, segundo ela, o planeta Terra se comporta como um só organismo vivo.

A hipótese Gaia foi elaborada pelo cientista inglês Lovelock, no ano de 1979, e, na sequência, foi fortalecida pelos estudos da bióloga norte-americana Lynn Margulis. Segundo a hipótese, o planeta Terra é um imenso organismo vivo, capaz de obter energia para seu funcionamento, regular seu clima e temperatura, eliminar seus detritos e combater suas próprias doenças, ou seja, assim como os outros seres vivos, um organismo capaz de se autorregular. De acordo com a hipótese, os organismos bióticos controlam os organismos abióticos, de forma que a Terra se mantém em equilíbrio e em condições propícias de sustentar a vida.

A hipótese Gaia sugere, também, que os seres vivos são capazes de modificar o ambiente em que vivem, tornando-o mais adequado para sua sobrevivência. Dessa forma, a Terra seria um planeta cuja vida controlaria a manutenção da própria vida através de mecanismos de interações diversas.

Nessa linha de pensamento, os cientistas e educadores Fritjob Capra e Edgar Morin, e o teólogo e educador Leonardo Boff, reiniciam o pensamento complexo e entendem a complexidade como uma das características mais visíveis da realidade que nos cerca. Tudo está em relação com tudo. Tudo co-existe e inter-existe com todos os outros seres no uni-

7 A denominação ‘Gaia’, por Lovelock, foi inspirado na deusa grega Gaia, a mãe Terra.

verso, interagindo com múltiplos fatores, energias, relações que caracterizam cada ser e o conjunto dos seres no universo.

Boff entende que “a natureza e o universo não constituem simplesmente o conjunto dos objetos existentes, como pensava a ciência moderna” (2007, p. 74). A ciência contemporânea quer entender o universo e a natureza como uma teia de relações, em constante interação, na qual todas as coisas deixam de ser apenas objetos e se fazem sujeitos. O universo e a natureza são entendidos como um cosmos de relações dos sujeitos.

Capra (1996), no contexto do pensamento sistêmico, evidencia que os “sistemas vivos só podem ser entendidos dentro do contexto do todo maior” e as propriedades das partes não são propriedades intrínsecas, mas evolutivas. Assim, as propriedades essenciais de um organismo se encontram no todo e decorrem das relações entre suas partes, somente sendo compreendidas a partir da organização do todo, isto é, dentro de um contexto mais amplo.

Morin (2003) sugere um reconhecimento de um princípio de incompletude e incerteza, além de um reconhecimento da ligação entre os aspectos que nossa mente deve distinguir sem isolar uma das outras, constituindo a noção de completude. Devemos ter em mente que o pensamento complexo aspira a um saber não fragmentado, não redutor, que reconhece que qualquer conhecimento está inacabado, incompleto, e oferece a possibilidade de ser questionado, interrogado e reformulado. Portanto, “as verdades denominadas profundas, mesmo contrárias umas às outras, na verdade são complementares, sem deixarem de ser contrárias” (MORIN, 2003, p. 7).

Para Boff (2004), o princípio feminino tem o caráter curador e liberta homens e mulheres de um paradigma dominante, cujo centro está ligado a um tipo de poder que é machista e reducionista e está no cerne da crise que presenciamos na atualidade. O autor aponta a necessidade do resgate do princípio feminino para que haja maior inteireza e integridade no humano.

Necessitamos, portanto, unir as diferenças e vivenciar a complexidade de uma única e mesma realidade. A humanidade se realiza sempre sob a forma de homem e mulher, sob a diferença do masculino e do feminino. Nesse sentido, a visão cosmológica da condição humana implica, não mais trazer luz ao que se encontrava na escuridão, mas “agora seu papel é unir dois seres bastante individualizados de sexos diferentes, num jogo erótico que supõe uma estratégia amorosa e tudo o que isso comporta de sedução, concordância, ciúme” (VERNANT, 2000, p. 26). Isto porque, quando se compreende a cosmovisão, amplifica-se o olhar hospitaleiro e se compreende a importância da construção de um ensino focado no viés holístico (planetário) para, então, se pensar a importância de visitar o ensino de humanidades.

Cosmovisão da dimensão feminina como virtude para um novo mundo possível

A cosmovisão é definida como a maneira subjetiva de se ver e entender o mundo, especialmente, as relações humanas e os papéis dos indivíduos e o seu próprio na sociedade (HOUAISS, 2009). Para entender as humanidades é necessário compreender que cada ser humano lê com os olhos que tem e, portanto, é preciso saber como são os olhos de quem lê e qual a sua visão de mundo. Isto é, para Boff “a cabeça pensa a partir de onde os pés pisam” (2004, p. 9). Ora, no mundo contemporâneo, multicultural, a convivência, o respeito e a tolerância são virtudes imprescindíveis para os povos da Terra que agora têm que morar juntos na mesma Casa Comum, da qual todos dependem e na qual todos dependem uns dos outros para levarem uma vida minimamente pacífica e garantirem um futuro comum.

Estas virtudes exigem um aprendizado de todos os que estão se descobrindo membros da grande família humana e, nesse sentido, a educação necessita reaprender as lições que as virtudes preconizam e, o ensino requer novos referenciais fundados na integralidade das coisas para, assim, encaminhar a humanidade ao respeito mútuo e tolerância para

com as limitações de cada um. Eis o fundamento principal para o ensino de humanidades: ensinar para a paz, o bem mais necessário para a sociedade contemporânea.

Nesse sentido, é necessário construir novas formas de ler o mundo em sua diversidade paisagística e cultural e seguir uma trajetória que evidencie relações interculturais no pensamento, tanto no tempo quanto no espaço e, assim, as valorizações simbólicas podem assumir, também, novas interpretações e importâncias na construção da paz terrena e humana.

As simbologias e as ideologias exercem influências na conduta da humanidade e, segundo Geertz, funcionam para “sintetizar o *ethos* de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos – e sua visão de mundo” (1978, p. 106). Assim, na sociedade ocidental, há importantes leituras e releituras do *ethos* a serem encaminhadas para uma nova cosmovisão e um outro mundo possível. Nesse sentido, a reflexão sobre a dimensão feminina na condição humana pode ser um importante viés de leitura e de releitura, como, por exemplo, a simbologia da criação do mundo.

A narrativa da criação descrita em Gênesis⁸ não é um tratado científico, mas um poema que descreve o universo como criatura de Deus. Foi escrito pelos sacerdotes no tempo do exílio da Babilônia (586-538 a.C.) e procura contar “as origens do céu e da Terra” como uma verdadeira “cosmogonia” e salientar alguns pontos importantes como fazer notar que toda a criação é marcada pelo selo de Deus. Narra a origem de Adão a partir do pó da Terra e de Eva, a partir da costela de Adão. Aí encontra-se, também, o que Deus disse: “Não é bom que Adão esteja só; vou lhe dar uma companheira que lhe esteja à altura” (Gênesis 2:18). Então Deus criou Eva, a partir do lado de Adão. E comumente, se fala, de forma errônea que Deus criou Eva da costela de Adão. Segundo Boff (2004), em hebraico se usa a palavra *zela* que significa ‘lado’ e não ‘costela’. Assim, para o autor, trata-se de “uma metáfora para significar que Eva foi tirada não da cabeça de Adão, para ser sua senhora. Nem dos pés, para ser sua escrava. Mas do seu lado, do lado do coração, para ser sua companheira” (BOFF, 2004, p. 40).

A humanidade, segundo esta metáfora, se realiza sempre sob a forma de homem e mulher, sob a diferença do masculino e feminino. A metáfora, portanto, induz que há diferença, mas há unidade e esta se complementa na arte da vida. E, dessa arte, descende a diversidade humana em suas múltiplas dimensões naturais e culturais, que se unifica na imanência do amor e se fortalece na virtude do cuidado.

Nesse sentido, o ensino de humanidades (especialmente, Antropologia, Filosofia, Geografia, História, Sociologia) necessita buscar, ainda mais, a reflexão instigante na busca da identidade humana por meio da inclusão das contradições e da superação dos dualismos que se amparam na opressão de um sobre o outro.

Portanto, percebe-se o ser humano como um quebra-cabeças, incompleto, que se completa, aos poucos, com a complementaridade de cada peça. Logo, é essencial buscar, cada vez mais, uma educação na qual “deverá ser o ensino primeiro e universal centrado na condição humano” (MORIN, 2011, p. 43).

Considerações finais

Há uma certeza presente na vida de todos nós: somos seres de passagem. Estamos apenas passando por este mundo e nada podemos fazer para mudar essa verdade. Mesmo que se crie a mais notável tecnologia ou se desvende os mistérios do cosmos, ainda assim, passaremos. A cada dia, a cada hora, minuto ou segundo, nosso corpo vai caminhando para seu destino final. Compreender isso e aceitar é tatear a sabedoria da existência, é perceber que se considerar superior aos outros é caminhar para a própria ruína pessoal, é não estar interligado com o universo infinito que se oferece à nossa contemplação.

Assim, este artigo, trouxe uma reflexão para os desafios da humanidade no mun-

8 Gênesis, primeiro livro da Bíblia Sagrada, principal referencial teológico e simbólico do Cristianismo.

do contemporâneo e descreveu, sucintamente, um enfoque sobre a condição humana feminina como gênero e como epistemologia. A condição humana feminina como gênero está amparada em ideologias e simbolismos reducionistas transferem um imaginário de dualismo, masculino e feminino, e suscitam a condição de submissão e inferioridade ao universo feminino. Na condição humana feminina como epistemologia é recuperado o sentido da existência do SER humano em seu contexto de humanidade e a complexidade passa a ser a análise da estrutura básica do universo e sua teia de relações.

No mundo atual, a condição humana feminina como gênero, carregada de simbologias e de ideologias que a submetem à inferioridade, é preponderante. No entanto, é imperioso e necessário, engendrar para uma nova visão de mundo, amparada e fundada na complexidade, que leve a humanidade ao cuidado para com a Terra e à tolerância ao diferente.

Nesse sentido, a educação, o ensino de humanidades e a suave interação entre a razão e a intuição podem conduzir à transformação da sociedade e ao pensamento livre para a construção da consciência universal fraterna e sensível.

Referências

ALVES, M. A. **Da fenomenologia à ética: uma breve análise desde o pensamento de Levinas.** Thaumazein (Santa Maria), v. 10, p. 43-52, 2012.

ALVES, M. A. GHIGGI, G. Educação como encontro interhumano. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, p. 59-77, 2012.

ALVES, M. A. Interpretação e compreensão: da hermenêutica metodológica à experiência hermenêutica como crítica e fundamento do saber filosófico. **Princípios (UFRN. Impresso)**, v. 18, p. 181-198, 2011.

ARENDT, H. **O que é política.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BARROS, A. **Igualdade e diferença: construções históricas e imaginárias em torno da desigualdade humana.** Petrópolis: Vozes, 2016.

BOFF, L. **A águia e a galinha – uma metáfora da condição humana.** Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BOFF, L. **Virtudes para um outro mundo possível.** Hospitalidade: direito & dever de todos. Petrópolis: Vozes, 2005a.

BOFF, L. **Virtudes para um outro mundo possível.** Convivência, respeito & tolerância. Petrópolis: Vozes, 2005b.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** São Paulo: Cultrix, 2006.

DEL PRIORE, M. **História das mulheres: As vozes do silêncio.** In: Freitas, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva.* São Paulo: Contexto 2010.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1978.

HOBBSBAWN, E. **A era dos extremos.** O breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOUAISS, A. **Dicionário da língua portuguesa.** São Paulo: Objetiva, 2009.

KHUN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

LEVI-STRAUSS, C. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Anhembi. 1957.

MARGULIS, L. **Cinco reinos - Um guia ilustrado dos filós da vida na Terra**. Guanabara/Koogan, 2001.

_____. **O planeta simbiótico - Uma nova perspectiva da evolução**. Rocco, 2001.

MARQUES, R. **Sobre a mulher em Aristóteles**. 2013. Disponível em http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica_pedagogia/e_book_ensaios_aristoteles/Cap%209%20Sobre%20a%20mulher%20em%20Arist%C3%B3teles.pdf. Acesso em: 27 out 2017.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. São Paulo: Instituto Piaget, 2003.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Ed. Cortez 2011.

MOSER, A. **Afetividade compromisso social na América Latina**. São Paulo: CRB, 1989.

VERNANT, J, P. **O universo, os deuses, os homens**. São Paulo: Companhia das Letras ,2000

Recebido em 21 de junho de 2019.

Aceito em 4 de setembro de 2019.